

“Vocês já viram um macaco em loja de louça?”

A comparação é do empresário Antônio Ermírio de Moraes, que até o último momento tentou convencer Sílvio a ficar longe da política.

“Quando vocês confirmaram que ele era candidato eu quase tive um enfarte. Pensei que fosse brincadeira.” Esta foi a primeira de várias reações do empresário Antônio Ermírio de Moraes, ontem, no Fórum da Gazeta Mercantil, no Hotel Maksoud, depois do anúncio da candidatura de Sílvio Santos. As reações variaram da ironia à tristeza. Ermírio está convicto de que o presidente José Sarney manobrou o episódio. E deu publicamente o seu depoimento:

No dia 4 de setembro, foi convidado pelo presidente a concorrer. “Você é a solução para o Brasil”, me disse Sarney. “Eu disse que não era. Recusei, porque mais importante que as diferenças entre Collor e Sarney é o País. Se eu sáísse candidato, seria um **silvinho**.”

Na semana passada, Ermírio telefonou para o apresentador tentando demonstrar-lhe o propósito. “Não faça isso, é oportunismo. Você é um ótimo apresentador.



Ermírio: “Pensei que fosse brincadeira”.

Preserve o seu patrimônio e continue assim. Você é ingênuo, inocente. Vai ver o que acontecerá com você quando estiver

dentro da política”, suplicou, sem sucesso.

Ao lado do empresário Claudio Bardela, que colocou as mãos na cabeça

quando soube da notícia, Antônio Ermírio continuou analisando a candidatura de Sílvio Santos: “Vocês já viram macaco em loja de louça? Vai arrebentar tudo. Ele vai fazer um grande estrago. Fico profundamente triste”. No senador Hugo Napoleão, Ermírio bateu muito forte: “Ah, esse é um canalha que tem que ir junto”.

O presidente da Fiesp, Mário Amato, escolhido líder empresarial do ano, achou que “Sílvio Santos tem o sacrossanto direito de se candidatar”. Ao que Ermírio respondeu: “Sílvio teria o direito se tivesse obedecido as regras do jogo, como todos os outros candidatos”.

Dois empresários que apoiam Collor de Mello, Ozires Silva e José Eduardo de Andrade Vieira, não sabem as consequências que a nova candidatura trará ao quadro eleitoral. Andrade Vieira, presidente do Bamerindus, apenas comentou bem-humorado: “No Brasil, a gente não vai morrer de tédio nunca”.